



SOL-A-SOL: SERVIR PARA VIVER

O Sol-a-Sol faz jus ao nome: na aldeia onde a energia não chega, o tempo mede-se pela luz do dia e pelo calor do serviço.

Texto: Rúben Pereira | Fotos: Drave Rover Scout Centre (DRSC)

Este ano, os Caminheiros foram desafiados a viver o «A Caminho do Triunfo», refletindo diariamente sobre cada um dos escolhos para os quais Baden-Powell nos alertou. Cada participante pôde sair da sua zona de conforto, colocar as suas capacidades à prova e, ao longo da semana, aprender novas competências através dos diferentes serviços. Tal como os jovens, também a Equipa de *Staff* se colocou à prova na semana mais intensa do ano, na Drave.

Para nós, o Sol-a-Sol começa muito antes: cerca de um ano antes, com a recolha constante das necessidades de intervenção que o Centro vai identificando. Este ano, além de pequenas reparações e melhorias nas infraestruturas, decidimos ousar reerguer, das cinzas, o *shelter* que o último incêndio nos levou, bem como restaurar o único espigueiro ainda de pé na aldeia.

A Equipa de *Staff* distribuiu-se pelos vários serviços necessários, de acordo com as suas competências e aptidões. Cada responsável coordenou o grupo de participantes que, nesse dia, se dedicou à tarefa atribuída. Cabe-nos, além de garantir a correta execução, envolver sempre os Caminheiros, permitindo que cada um deixe a sua marca na aldeia.



Foram dias intensos, cheios de encontros e reencontros, confidências e histórias, amizades, intercâmbio cultural e um sem-número de momentos que, para sempre, apenas o sol e a serra guardarão em silêncio.

Mas o que é, afinal, um Sol-a-Sol para um *Staff*? É, antes de mais, um ato de entrega. É a responsabilidade

de preparar cada detalhe para que os outros possam viver a magia da Drave em segurança e plenitude. É o privilégio de ver, nos rostos cansados, mas felizes dos Caminheiros, a certeza de que cada esforço valeu a pena. Ser *Staff* é estar nos bastidores e, ao mesmo tempo, sentir-se parte de cada conquista, de cada sorriso e de cada pedra erguida.

E no final... sobra um silêncio cheio. Quando subimos a montanha e olhamos para trás, para a aldeia no vale repousada, os olhos dizem mais do que a boca. Vêm à memória todos os momentos que passaram num piscar de olhos: o primeiro canto da alvorada, a madeira a ranger no novo *shelter*, as gargalhadas partilhadas à volta da mesa. O coração aperta, porque sabemos que deixámos ali um pedaço de nós e levamos connosco algo que não cabe na mochila.

Procurando deixar o mundo um pouco melhor do que o encontramos, no Sol-a-Sol mostramos a quem nos visita que, se não vivemos para servir, não servimos para viver. ■